LINHA DE FUGA

RESIDÊNCIAS

CONTRA TEMPO



Em nome da Escuridão, Magia e Vulnerabilidade

Michela Depetris

18 abr ↬ 2 mai 2026

Vila Franca *Arazede*

Coimbra

In the name of Darkness, Magic and Vulnerability

Créditos

Conceito, criação, texto e coreografia Michela Depetris
Voz Bianca Stoppani
Desenho de som Pony Esposito
Músicas Pony Esposito | La Niña Jacarandá
Performance Michela Depetris | Aurelio Di Virgilio
Desenho de luz Consuelo Donati *Collettivo Clon_e*
Colaboração artística Teodora Grano
Apoio à pesquisa Marta Olivieri | Valerie Tameu
Produção Codeduomo ETS
Apoio ao som ao vivo Enrico Malatesta

Este trabalho foi produzido com o apoio financeiro da União Europeia (Culture Moves Europe) e com o apoio de Residenze Coreografiche Lavanderia a Vapore, Fondazione Piemonte dal Vivo (Turim); com o apoio de BASE Milano, Workspace Ricerca X, La Caldera_Barcelona e Linha de Fuga.

Em nome da Escuridão, Magia e Vulnerabilidade

Contra|o|Tempo

Residência

em

Artista

Michela Depetris



Sobre o projeto e a residência em Coimbra

Escuridão, magia e vulnerabilidade: criar outras formas de estar juntos

In the name of darkness, magic and vulnerability parte do desejo de partilhar práticas e, através delas, criar condições para imaginar outras formas de estar juntos. O projeto procura construir uma espécie de mundo comum, onde diferentes corpos, perspetivas e possibilidades possam coexistir. A escuridão, a vulnerabilidade e a magia surgem como elementos centrais dessa construção, não apenas enquanto temas, mas como ferramentas para experimentar outras formas de perceção e relação.

A escuridão é simultaneamente física e simbólica. Colocar os corpos num espaço escuro parte de uma condição concreta do presente, mas também da vontade de perceber como é possível habitá-la sem a entender apenas como ameaça. Em vez de procurar imediatamente uma saída, interessa explorar aquilo que pode ser construído dentro dela, novas perspetivas, conexões e até outros universos. A imaginação surge, assim, como uma possibilidade de transformação e como uma ação potencialmente subversiva.

O corpo ocupa um lugar central neste processo, os áudios orientam os participantes através de diferentes ações e práticas, mas deixam espaço para que cada pessoa encontre a sua própria maneira de estar, mover-se e relacionar-se com o que a rodeia. Também os objetos quotidianos podem adquirir outras dimensões quando experienciados em condições diferentes: na escuridão, aquilo que reconhecemos deixa de ser necessariamente aquilo que vemos. Corpo, objeto e espaço passam a integrar um mesmo ecossistema, onde as relações entre eles são constantemente redefinidas.

É nesta abertura que a dimensão coletiva da peça se constrói. O trabalho não está totalmente determinado antes da presença do público, uma vez que cada pessoa participa naquilo que acontece. As indicações recebidas podem ser interpretadas de formas distintas, criando experiências simultaneamente individuais e compartilhadas. A utilização de dois áudios reforça essa multiplicidade, diferentes participantes podem receber instruções diferentes e, durante parte da peça, não compreender as ações dos outros. Essa diferença torna-se, mais tarde, uma possibilidade de reconhecimento, a perceção de que, embora partilhem o mesmo espaço, cada pessoa está a viver uma experiência própria.

Em Vila Franca e Coimbra

Michela Depetris esteve em residência em Vila Franca e Coimbra entre 18 de Abril e 2 de Maio de 2026. A sua residência incluiu uma abertura do processo e uma oficina de práticas artísticas.

A residência em Coimbra aconteceu depois de um período de desenvolvimento e experimentação do trabalho, que passou por diferentes apresentações e por uma residência na La Caldera. Aí, Michela, Aurelio e a equipa concentraram-se na construção da partitura, do ambiente e da dramaturgia da luz. Em Coimbra, algumas das questões que permaneciam em aberto puderam ser testadas de forma mais concentrada, nomeadamente a possibilidade de envolver pessoas locais no processo.

O workshop realizado durante a residência, com participantes locais, tornou-se, nesse sentido, uma oportunidade para retirar algumas das práticas do contexto controlado da peça e experimentá-las com outros corpos. Mais do que apresentar um resultado fechado, interessava perceber o que acontecia quando esses materiais eram partilhados com pessoas desconhecidas e até que ponto poderiam ser incorporados no próprio trabalho. A experiência permitiu confirmar algumas intuições e perceber que as práticas desenvolvidas tinham uma autonomia própria, podendo continuar a ser transformadas.

A residência foi também atravessada por uma dimensão pessoal. Michela esteve em Coimbra acompanhada pelo filho e pelos pais, fazendo coexistir o processo artístico e a vida familiar no mesmo lugar. Essa circunstância implicou uma negociação constante entre diferentes tempos e necessidades, mas acabou também por integrar o próprio processo de residência. Para Aurelio, essa experiência reforçou a ideia de que a criação não precisa de ocupar todo o dia para acontecer, algumas horas de trabalho concentrado podem ser suficientes, e aquilo que acontece fora do espaço de criação pode igualmente alimentar o processo artístico.

Michela Depetris

Artista associada da Codeduomo, coreógrafa, performer e formadora. Formou-se entre Itália e Espanha em artes visuais e dança contemporânea. Trabalha com linguagens híbridas entre coreografia, performance, escrita, vídeo, som e instalações participativas, situando a sua pesquisa num campo aberto e transversal, onde cada meio converge no corpo, a partir de uma visão expandida da coreografia.

Nos últimos anos, foi artista selecionada com a sua investigação artística para vários projetos de residência coletiva, entre os quais: Linha de Fuga (2020), Ricerca X (2021, Lavanderia a Vapore, Collegno), Più Erbacce (2022, CIMD Danza, Fondazione Cariplo, BASE, Milão), Atelier di creazione (2023, Lavanderia a Vapore, Collegno), Research Camping Ricerca X (2023–2024, Lavanderia a Vapore, Collegno), Annotazioni Superficiali (2025, Lavanderia a Vapore, Collegno) e EDN Carte Blanche “Dancing while writing while changing a diaper” (2024, Dansehallerne, Copenhaga).



É autora da performance WOW WIDE WEB (2024), espetáculo realizado com o apoio de Residenze Coreografiche Piemonte dal Vivo, em colaboração com Lavanderia a Vapore, BASE (Milão), SPAM Centro per le Arti Contemporanee (Lucca) e L’Estruch Fàbrica de Creació de les Arts en Viu (Sabadell).

Em 2025, dirigiu com Krööt Juurak CODOMESTICATION, um workshop/performance apresentado no festival Spring Rolls, na Lavanderia a Vapore, no âmbito de (M)others on tour, apoiado pela Perform Europe.

Desde setembro de 2025, em colaboração com a Lavanderia a Vapore, desenvolve Caring with / interdependency is cool, um projeto dirigido a adultos e crianças, que reflete sobre o cuidado como prática anticapitalista e sobre a transformação das dinâmicas de poder a partir da crítica ao supremacismo adulto. Colabora com diverses artistas e instituições, entre os quais Daniele Ninarello, Teodora Grano e o Departamento de Educação da Fondazione Merz, em Turim.

Foi artista Laboratório Linha de Fuga 2020.



Aurelio Di Virgilio

Artista que trabalha no campo das artes performativas. Vive e trabalha em Milão. Formado pela Scuola del Piccolo Teatro di Milano, desenvolve uma prática coreográfica intermédia que cruza as linguagens da dança e das artes visuais. A sua investigação centra-se em temas como a extinção e o desaparecimento, explorados através de imaginários menores e de mitologias medievais.

O seu trabalho foi apresentado em instituições e teatros como One Gee in Fog (Genebra, 2025), Pollinaria (Civitella Casanova, 2025), Fabbrica Europa (Florença, 2024), Tasdance (Launceston, 2024), Operaestate Festival (Bassano del Grappa, 2023), Santarcangelo Festival – FONDO (Santarcangelo, 2023), Kinkaleri SpazioK (Prato, 2023), Lavanderia a Vapore (Turim, 2023), Mattatoio – Prendersi Cura (Roma, 2022), Cango (Florença, 2020) e LAC Lugano (Lugano, 2019).







Sobre a prática artística

Corpos, objetos, imagens e perceções

A prática de Michela começa pela escrita, mas encontra no corpo a sua continuidade. Escrever é uma forma de dar matéria a experiências, imagens e sensações que já existem, para depois as devolver ao corpo através da ação, do movimento e da relação com o espaço. O processo desenvolve-se, assim, num movimento de ida e volta entre aquilo que é escrito e aquilo que é vivido.

Essa relação com o processo implica também aceitar momentos de incerteza. Michela fala de períodos de "perdição", em que se afasta daquilo que já construiu e se deixa conduzir por caminhos cujo destino desconhece. Ao regressar, consegue perceber o que permanece e o que precisa de ser transformado. A criação acontece, por isso, tanto na consolidação de uma ideia como na disponibilidade para a perder e descobrir outra.

No trabalho de Aurelio, a escuta assume um papel central. Através do áudio, procura criar relações entre corpos, objetos e espaço, sem ocupar necessariamente o centro da ação. A sua presença aproxima-se antes da de um facilitador, alguém que cria condições para que outras coisas aconteçam e que permite que diferentes relações se tornem visíveis. O corpo do performer pode estar presente sem se impor, atravessando o espaço como mais um elemento dentro dele.

Esta atenção ao que existe entre as coisas é também fundamental para Michela. A relação pode estabelecer-se entre dois corpos, entre uma pessoa e um objeto ou simplesmente entre um corpo e o espaço que o envolve. Mais do que definir uma hierarquia entre esses elementos, interessa perceber aquilo que pode surgir do seu encontro.

Um dos exercícios que Michela partilha parte precisamente dessa ideia de atenção. Primeiro, desenha a própria mão procurando representar aquilo que efetivamente vê, e não aquilo que pensa saber sobre ela. Depois, repete o exercício com a mão não dominante e passa, mais tarde, ao rosto de outra pessoa. Quando duas pessoas se desenham simultaneamente, sem levantar o marcador do papel e sem olhar para o próprio desenho, o exercício transforma-se numa prática de observação e de relação. Olhar deixa de ser apenas uma forma de reconhecer o que está diante de nós e torna-se uma maneira de tocar, acompanhar e estar com o outro.

Essa qualidade de atenção estende-se à relação com o espaço. Aurelio procura perceber o corpo como parte de um ecossistema, atento à forma como a sua presença modifica o lugar e pode abrir diferentes possibilidades para quem o habita. Não se trata de conduzir o público para uma experiência determinada, mas de criar as condições para que cada pessoa encontre a sua própria relação com o espaço e com aquilo que nele acontece.

É neste território entre corpos, objetos, imagens e perceções que as práticas de Michela e Aurelio se encontram. A criação surge menos como a imposição de uma forma do que como a construção de condições para que algo possa acontecer. A escrita, a escuta, o desenho, o movimento e a atenção tornam-se ferramentas para explorar esse espaço de possibilidades, onde criar é também aprender a olhar, a escutar e a relacionar-se de outra maneira.





Artísticas

Prática para Partilhar

Tocar para olhar

Sai para o exterior e procura um lugar na paisagem ou na rua. Olha para as coisas, para as pessoas, como se os teus olhos estivessem a acariciar aquilo que observam. O teu olhar é uma carícia. Não há nada sentimental nisso, é algo puramente táctil. Tocas em tudo com o olhar. Brinca com as distâncias e as proximidades. O teu olhar pode tocar em tudo: linhas, superfícies, consistências. Não há hierarquia entre coisas, plantas, pessoas, animais, edifícios, matérias.

Práticas



Artista

Espaço

Referências

Bibliografia

Octavia Butler
Ursula K.Le Guin Dreams must explain themselves: the selected non-fiction of Ursula K. Le Guin,
Ursula K.Le Guin The Left Hand of Darkness
McKenzie Wark Raving
Mariano Tomatis Incantagioni
Erica Lagalisse Anarcooccultismo
Karen Barad Nature's Queer Performativity
Timothy Morton Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World
Franny Choy Soft science
Bandler&Grinder Neuro-Linguistic Programming and the Structure of Hypnosis
Betty Edwards Drawing on the Right Side of the Brain
Ann & Jeff VanderMeer Le visionarie
Miranda July The First Bad Man
Mark Fisher Gothic Materialism



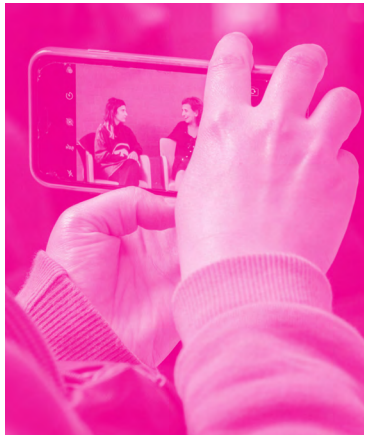




O que me faz Artista?



No dia 30 de abril, às 18h, no Café do Teatro Académico de Gil Vicente, Michela falou do seu percurso, das suas urgências e das questões que orientam a sua prática artística. Um regresso a Coimbra seis anos após a sua participação na 2ª Edição do Laboratório Linha de Fuga, em 2020.



Mote para abrir a conversa

Michela Depetris vem pela segunda vez a Coimbra. A primeira foi em 2020, em plena pandemia. Foi uma das artistas selecionadas para participar no Laboratório Linha de Fuga, numa altura em que foi possível mudar todo um festival e laboratório de Julho para Setembro, foi presencial e tudo se fez sem que ninguém apanhasse Covid! O cuidado foi grande nesse momento e o grupo de artistas foi um grupo resistente e ativo.

A artista retorna à cidade seis anos depois e, certamente, terá muito que contar. Em conversa com ela, num ambiente descontraído, Depetris abriu as suas práticas profissionais e pessoais para falar do que a levou a ser artista e o que é relevante para ela no mundo e na arte.

"O que me faz artista" é uma rúbrica de conversas desenvolvida pela Linha de Fuga, que propõe um espaço de encontro e escuta entre artistas e público. A partir de percursos singulares, estas conversas procuram humanizar os processos de criação, dando visibilidade às dúvidas, inquietações e motivações que acompanham quem cria.

Programa feito com o apoio do LIPA/TAGV

A sessão foi gravada e pode ser ouvida aqui

Anseio Místico



I Ansiar a escuridão-magia-vulnerabilidade num jogo entre corpos sensibilizados para a escuta do tempo. O que se ouve e vê é capaz de mover o corp -público? Quem vê os invisíveis?

II O som coreografado conduz até certo ponto. O exagero é o erro de quem quer ser visto. Vê-se mais na escuridão, basta olhos preparados para isso. Quando escuro, é preciso desver o mundo até desnudar outros contornos.

III Como chegar lá? Do dispositivo sonoro saem sugestões mínimas de gestos mínimos: piscar, sentir prazer, observar ao redor, respirar: parar. Instaura-se a suspensão do tempo e os corpos, aos poucos, tocam essa dimensão. Com maior ou menor efeito, lampejos de escuridão, feixes de magia e uma vulnerabilidade que, à rigor, pode ainda mais. Um corte abrupto retira os corpos do estado de suspensão aterrando-os ao som eletrônico que, propositadamente, sugestiona o estado de festa. Está aberta a pista de dança.

IV A abertura do processo mostra, por fim, que os dispositivos podem funcionar com maior ou menor grau de força, sobretudo a depender do espaço destinado à ação. A escuridão, a magia e vulnerabilidade, por fim, encontram-se com o corpo-público e tornam-se guias num percurso em que a sensibilidade é chamada à superfície e à superficialidade é convocada a uma viagem de aprofundamento. Chegar ao ponto crucial do momento exato em que esses sentidos inversos se tocam pode ser o resultado mais profícuo.

www.linhadefuga.pt



Entrevista Catarina Saraiva
Edição de Textos Marta Rodrigues
Ensaio Crítico Keissy Carvelli
Design gráfico e Diagramação So Dias
Fotografia Paulo Abrantes | Margherita Caprilli

Iniciativa
LINHA DE FUGA

Estrutura financiada por
REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Co-produção
Residências Contra|o|Tempo
Teatrão

Apoios
TAGV
INATEL FUNDAÇÃO

Media partner
RUC